

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

VIDROS ROMANOS DO MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ.

ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília Moutinho

Ano: 1964 | Número: 74

Como citar este documento:

ALARCÃO, Jorge de; ALARCÃO, Adília Moutinho, Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz. *Revista de Guimarães*, 74 (1-2) Jan.-Jun. 1964, p. 79-116.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz

Por JORGE DE ALARCÃO
e ADÍLIA MOUTINHO DE ALARCÃO.
Ex-bolseiros da Fundação Calouste Gulbenkian.

Os vidros antigos do Museu Municipal da Figueira da Foz ⁽¹⁾ foram recolhidos (quase todos pelo Dr. Santos Rocha) nas seguintes necrópoles ou ruínas: Fonte Velha, na freguesia de Bensafirim e concelho de Lagos; Monte Molião, no concelho de Lagos; Boca do Rio, perto de Budens, no concelho de Vila do Bispo (Algarve); Crasto, na freguesia de Tavarede e concelho da Figueira da Foz; Monte Hermínio, na serra de Portalegre. Constituem uma colecção rica, quer arqueológica quer museológica; com efeito, são diversos os vasos para os quais não encontramos paralelos, e que por isso alargam o nosso conhecimento das formas de vidros romanos; outros pertencem a tipos que, embora conhecidos, não são frequentes; por outro lado, uma parte considerável da colecção é constituída por vasos completos ou que puderam ser reconstruídos com resina acrílica e constituem um grupo atraente para o visitante do Museu.

A estação que mais vidros proporcionou foi a necrópole da Fonte Velha ⁽²⁾. Quase todos datam do século I

⁽¹⁾ Agradecemos ao Senhor Dr. António Vítor Guerra, ilustre Director do Museu, as muitas facilidades que nos concedeu no estudo desta colecção.

⁽²⁾ Os números 1, 3, 4, 8 a 14, 16, 19 a 22, 24, 26, 30, 34, 35, 38, 39 e 41. Sobre esta necrópole veja-se a seguinte bibliografia: Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. IV, Lisboa, 1891, pp. 250 e ss.; A. Santos Rocha «Elementos para o estudo comparativo de alguns objectos recolhidos no castro de S. Miguel» in *O Archeologo Português*, I pp. 262-264; A. Santos Rocha, «Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve»,

e dos inícios do II d. C.; há todavia um grupo de três vasos atribuíveis ao século IV (1); é possível, pois, que naquele lugar, onde Estácio da Veiga também explorou um cemitério da Idade do Ferro, tenha havido duas necrópoles romanas, uma do século I, outra do IV. Alguns vidros de Bensafrim não puderam ser datados com exactidão, quer por se acharem incompletos e ser impossível reconstituí-los a forma, quer por não lhes conhecermos paralelos; mas, se em Bensafrim houve realmente duas necrópoles, uma do século I, outra do IV, esses vidros devem atribuir-se a um ou a outro século; *muito reciosamente*, atribuiremos ao século I os números 19, 21, 34, 35, 38 e 39 deste artigo.

Os vidros datáveis da necrópole do Molião (2) são todos do século I d. C. e dos inícios do II, com excepção do número 15 deste artigo, cuja cronologia se estende dos fins do século I aos inícios do IV; este vaso, porém, não pode servir de argumento contra a hipótese, que admitimos, de a necrópole ser do século I ou dos inícios do II (3); assim, os vidros 18 e 31 pertencerão talvez ao século I ou II; pela mesma razão, o número 37 deve ser da mesma época; e como este parece pertencer a um vaso do mesmo tipo do número 38 deste

in *O Arch. Port.*, I, pp. 291-296 e 327-337 (este artigo foi de novo publicado em *Memórias sobre a Antiguidade*, Figueira da Foz, 1897, pp. 192 e ss.); A. Viana, O. Veiga Ferreira e J. Formosinho, «De lo prerromano a lo arabe en el Museo Regional de Lagos» in *Archivo Español de Arqueología*, 1953, pp. 114-117.

(1) São os números 22, 24 e 30 deste artigo.

(2) São desta necrópole os números: 2, 5 a 7, 15, 18, 31, 32, 37. Veja-se, sobre esta estação arqueológica: A. Santos Rocha, «A necrópole luso-romana nos arredores de Lagos» in *Portugalia*, I (1899-1903), pp. 816-817; J. Joaquim Nunes, «Notícia sobre a necrópole luso-romana nos arredores de Lagos» in *Portugalia*, I pp. 817-818; Estácio da Veiga, «Antiguidades Monumentaes do Algarve» in *O Archeólogo Português*, XV, pp. 223 e ss.; J. M. Bairrão Oleiro, «Elementos para o estudo da «terra sigillata» em Portugal. I — Marcas de oleiro encontradas no País» in *Revista de Guimarães*, LXI, pp. 80-111; A. Viana e outros, «Alguns objectos inéditos do Museu Regional de Lagos. Monte Molião» in *Revista de Guimarães*, LXII (1952), pp. 133-142.

(3) No Monte Molião foram encontradas quatro marcas de oleiros de *terra sigillata*, nenhuma anterior a 41 d. C. nem posterior a 117 d. C. Cf. J. M. Bairrão Oleiro, art. cit. p. 110.

artigo (proveniente de Bensafrim), sugerimos para este ainda a mesma cronologia.

Das ruínas da Boca do Rio (1) há apenas dois fragmentos, um do século I ou dos inícios do II, o outro talvez da mesma época.

Do Crasto, guarda-se no Museu um pequeno fragmento daquele vidro que habitualmente, embora sem razão, se considera fenício (2).

Finalmente, da necrópole do Monte Hermínio, na serra de Portalegre, há quatro vidros do século I d. C. e um do IV (3).

1

Unguentário em forma de pingo de mel

(Est. I, 1)

Descrição: Unguentário em forma de pingo de mel, de base ligeiramente côncava; o bordo foi puxado para fora, formando um bocal em forma de funil, e polido ao fogo.

O vidro, transparente, é de cor verde-sombrio (Berger *dunkelgrün*) muito diluído; apresenta-se coalhado de longas bolhas de ar e com algumas impurezas.

Dimensões: Altura: 95 m/m. Diâmetro máximo: 23 m/m. Espessura do vidro: 0,5 m/m.

(1) Os vidros provenientes desta estação são os números 33 e 40. Sobre as ruínas da Boca do Rio veja-se: A. Santos Rocha, «Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve» in *O Arch. Port.*, II (1896), pp. 77-79; no mesmo volume d'*O Arch. Port.*, p. 315, um extracto das Memórias Parochiaes de 1758; Estácio da Veiga, «Antiguidades Monumentaes do Algarve» in *O Arch. Port.*, XV (1910), pp. 209 e ss.; A. Viana, O. Veiga Ferreira, J. Formosinho, «De lo prerromano a lo arabe en el Museo Regional de Lagos» in *Archivo Español de Arqueologia*, 1953 pp. 119 e ss. Veja-se mais bibliografia citada na nota 8 deste último artigo.

(2) O número 23 deste artigo.

(3) Os números 17, 27, 28, 29 e 36. Não conhecemos bibliografia sobre esta necrópole nem sabemos em que circunstâncias é que se fizeram os achados.

Estado de conservação: Intacto. Uma leve leitosidade embacia todo o vidro. Tem traços de irisão e esfoliações superficiais.

Número de inventário: 4450.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafirim.

Tipo e cronologia: Os unguentários em forma de pingo de mel datam dos reinados de Augusto e Tibério (1).

2

Unguentário em forma de pingo de mel

(Est. I, 2)

Descrição: Fragmento de um unguentário em forma de pingo de mel com a base ligeiramente achatada. O vidro é transparente, de cor verde-gelo (Berger *glas-grün*) acinzentado, com algumas bolhas de ar.

Dimensões: Altura: 70 m/m. Diâmetro máximo: 25 m/m. Espessura mínima do vidro: 0,5 m/m.

Estado de conservação: Fragmentado e incompleto. Toda a face interna se encontra coberta de irisão esmaltada, predominantemente de cor azul-claro; o picado é intenso em ambas as faces.

Número de inventário: 7547.

Proveniência: Necrópole do Molião, no concelho de Lagos.

Tipo e cronologia: Como o número 1 deste artigo.

3

Unguentário

(Est. I, 3)

Descrição: Unguentário de reservatório em forma de tronco de cone, de base côncava e perfil sinuoso. O gar-

(1) Vid., sobre este tipo de unguentários e a sua cronologia, J. e A. Alarcão, «Vidros do Museu de Martins Sarmento» in *Revista de Guimarães*, LXXIII, pp. 182-183.

galo é alto e tubular, terminado num bocal em forma de funil e estrangulado na base. O bordo é liso, polido ao fogo.

O vidro, transparente e azul da cor do álcool desnaturado, apresenta-se cheio de pequeníssimas bolhas de ar e com ligeiro filandrado. Na base do gargalo há marcas de modelação.

Dimensões: Altura: 122 m/m. Diâmetro máximo: 31 m/m. Espessura média do vidro: 2 m/m.

Estado de conservação: Intacto. Apresenta um ligeiro picado na face externa e, na interna, leve irisão multicolor e leitosidade progressiva.

Número de inventário: 4448.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafirim.

Tipo e cronologia: Isings 28 b. O tipo Isings 28 b é um unguentário cujo reservatório, tronco-cónico, tem cerca de um terço da altura total do vaso. O tipo encontra-se, segundo Isings (1), da época de Cláudio ou Nero até aos inícios do séc. II d. C.

Não são difíceis de encontrar paralelos para o nosso unguentário. Vanderhoeven publicou dois (2), um dos quais, proveniente de Tongres, atribuiu ao século II d. C.; o outro, também achado em Tongres, considerou-o dos fins do século I ou dos inícios do II. Em Ampúrias encontraram-se vários balsamários semelhantes, que Almagro atribuiu ao período entre Domiciano e Adriano (3); Harden publicou também um de York, que igualmente datou dos fins do século I ou dos inícios do II (4).

(1) Vid. C. Isings, *Roman Glass from dated Finds*, Groningen, 1957, pp. 42-43.

(2) Vid. Vanderhoeven, *De Romeinse Glasverzameling in het Gallo-Romeins Museum te Tongeren*, Tongres, 1962, n.º 21 e, do mesmo autor, *Verres romains (I^{er} - III^e Siècle) des Musées Curtius et du Verre à Liège*, Liège, 1961, n.º 109.

(3) Vid. M. Almagro, *Las necropolis de Ampurias*, II, Barcelona, 1955, «Tablas» no final do volume.

(4) Vid. D. B. Harden, «Glass in Roman York» in Royal Commission on Historical Monuments of England, *An Inventory of the Historical Monuments in the City of York, volume I — Eburacum, Roman York*, Londres, 1962, est. 66, HG 36.1 e p. 137.

Lantier atribuiu porém aos séculos II-III d. C. um balsamário idêntico ao que estudamos (1). Morin-Jean considerou também o seu tipo 23 (em que o nosso balsamário se integra) da época de Cómodo até à segunda metade do século III d. C. (2). Parece-nos todavia pouco acertada esta cronologia; Lantier baseou-se possivelmente em Morin-Jean e este atribuiu ao seu tipo 23 a mesma cronologia que aos tipos 24 e 25; ora, se estes se encontram efectivamente nos fins do século II e na primeira metade do século III d. C., não nos parece que suceda o mesmo ao tipo 23.

Ainda que os tipos Isings 28 b ou Morin-Jean 23 tenham continuado a fabricar-se nos meados e fins do século II, o nosso unguentário é certamente mais antigo, pois o bordo liso, não dobrado sobre si, é característico dos balsamários do século I.

4

Unguentário

(Est. I, 4)

Descrição: Unguentário de reservatório tronco-cónico, de paredes levemente ondeadas e fundo côncavo.

O vidro, transparente, é de cor verde-esmeralda (Berger *smaragdgrün*) diluída, com algumas bolhas de ar. Na base do gargalo notam-se marcas de modelação.

Dimensões: Altura: 42 m/m. Diâmetro máximo: 33 m/m. Espessura do vidro: 1,5 m/m.

Estado de conservação: Conserva-se o reservatório e dois fragmentos do gargalo, mas que não se colam àquele. A face externa apresenta picado e, na interna, há manchas de terra e irisão esmaltada.

Número de inventário: 4458.

(1) Vid. R. Lantier, *La Verrerie-Musée des Antiquités Nationales*, Paris, s. d., est. 12-A.

(2) Vid. Morin-Jean, *La Verrerie en Gaule sous l'empire romain*, Paris, 1913, p. 79.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafirim.

Tipo e cronologia: Como o n.º 3 deste artigo.

5

Unguentário

(Est. I, 5)

Descrição: Fragmento de um unguentário de reservatório tronco-cônico, com base côncava e perfil ligeiramente sinuoso.

O vidro, transparente, é de cor verde-sombrio (Berger *dunkelgrün*), com raras bolhas de ar. Tem marcas de modelação na base do gargalo, ligeiramente estrangulada.

Dimensões: Altura: 36 m/m. Diâmetro máximo: 31 m/m. Espessura média do vidro: 1,5 m/m.

Estado de conservação: Apenas se conserva o reservatório e parte do gargalo. Ambas as faces têm picado intensivo e ranhuras superficiais. Na superfície interna apresenta irisão multicolor e esmaltada.

Número de inventário: 7542.

Proveniência: Necrópole do Molião, no concelho de Lagos.

Tipo e cronologia: Como o n.º 3 deste artigo.

6

Unguentário

(Est. I, 6)

Descrição: Fragmento de um unguentário de reservatório tronco-cônico, de base côncava e perfil sinuoso.

O vidro, transparente, de cor verde-sombrio (Berger *dunkelgrün*), tem muitas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Dimensões: Altura: 37 m/m. Diâmetro máximo: 26 m/m. Espessura do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: Falta-lhe o gargalo. A superfície apresenta-se picada e a face interior coberta de irisão multicolor.

Número de inventário: 7544.

Proveniência: Necrópole do Molião, no concelho de Lagos.

Tipo e cronologia: Como o n.º 3 deste artigo.

7

Unguentário

(Est. I, 7)

Descrição: Unguentário de que apenas se conserva o reservatório, tronco-cónico, e parte do gargalo. O reservatório tem um perfil sinuoso e a base convexa.

O vidro, transparente e azul da cor do álcool desnaturado, apresenta inúmeras espirais resultantes da soffagem. Na base do gargalo vêem-se marcas de modelação.

Dimensões: Altura: 56 m/m. Diâmetro máximo: 43 m/m. Espessura do vidro: 1,5 m/m.

Estado de conservação: Incompleto. Apresenta picado superficial extensivo em ambas as faces e leitosidade incipiente.

Número de inventário: 7543.

Proveniência: Necrópole do Molião, no concelho de Lagos.

Tipo e cronologia: Como o n.º 3 deste artigo. Este balsamário diverge todavia pela convexidade da base; o único paralelo que conhecemos encontrou-se em Chipre (1).

(1) Vid. O. Vessberg, *The Swedish Cyprus Expedition, vol. IV, part 3: The Hellenistic and Roman Periods in Cyprus*, Estocolmo, 1956, fig. 50,3.

8

Unguentário tubular

(Est. I, 8)

Descrição: Unguentário tubular de gargalo estrangulado na base e terminado num bocal ligeiramente afunilado; bordo liso, em aresta, e assimétrico.

O vidro, transparente, azul da cor do álcool desaturado, apresenta numerosas bolhas de ar, filandrado e pedra. Na base do colo vêem-se marcas de modelação.

Dimensões: Altura: 109 m/m. Diâmetro máximo: 23 m/m. Espessura do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: Completo, mas com o bordo esborcelado. Uma leitosidade ténue cobre toda a superfície interna; na face externa o vidro apresenta um ligeiro picado.

Número de inventário: 4451.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafirim.

Tipo e cronologia: Isings 8. Os unguentários deste tipo apresentam um estrangulamento a meia-altura ou mais acima — e a posição deste estrangulamento é essencial para a determinação da cronologia (1). Os que têm o estrangulamento a meia altura, como este de Bensafirim, datam da época de Cláudio a Tito (2).

9

Unguentário tubular

(Est. I, 9)

Descrição: Unguentário de forma tubular com o fundo ligeiramente côncavo e um estrangulamento na

(1) Vid. J. e A. Alarcão, art. cit., pp. 180-182.

(2) Os achados de Ampúrias sugerem esta cronologia. Vid. J. e A. Alarcão, art. cit. p. 181. M. Vanderhoeven, porém, publicou um unguentário do mesmo tipo encontrado num túmulo de Tongres (Bélgica) que se atribui à segunda metade do século I ou aos inícios do II d. C. Vid., deste autor, *De Romeinse Glasverzameling in het Gallo-Romeins Museum te Tongeren*, Tongres, 1962, n.º 12.

base do gargalo. O bordo, muito irregular, foi repuxado para fora e polido ao fogo.

O vidro, transparente, é de cor verde-maçã (*Berger maigrün*), com algumas bolhas de ar muito alongadas, estrias resultantes da soffagem e pedra.

Dimensões: Altura: 112 m/m. Diâmetro máximo: 26 m/m. Espessura do vidro: 0,5 m/m.

Estado de conservação: Intacto. Densa leitosidade cobre toda a face interna e, parcialmente, a face externa. Apresenta picado profundo em ambas as superfícies e esfoliações na face exterior.

Número de inventário: 4452.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafrim.

Tipo e cronologia: Como o número 8 deste artigo.

10

Unguentário tubular

(Est. I, 10)

Descrição: Unguentário tubular de gargalo alto e cilíndrico, estrangulado na base.

O vidro, transparente, é da cor do álcool desnaturado, com bolhas de ar, pedra e estrias resultantes da soffagem.

Dimensões: Altura: 121 m/m. Diâmetro máximo: 29 m/m. Espessura mínima do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: Fragmentado e incompleto. Uma leitosidade incipiente embacia todo o vidro. Tem ranhuras profundas, esfoliações e picado.

Número de inventário: 4449.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafrim.

Tipo e cronologia: Como o número 8 deste artigo.

11

Unguentário tubular

(Est. I, 11)

Descrição: Fragmento de um unguentário tubular de base ligeiramente achatada. O vidro é transparente, azul da cor do álcool desnaturado: tem algumas bolhas de ar e numerosas estrias resultantes da soflagem.

Dimensões: Altura: 50 m/m. Diâmetro máximo: 21,5 m/m. Espessura máxima do vidro: 5 m/m; e mínima: 1 m/m.

Estado de conservação: Apenas se conserva o reservatório, em dois fragmentos colados. Apresenta leitividade incipiente na superfície interna e picado extenso e profundo em ambas as faces.

Número de inventário: 4454.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafirim.

Tipo e cronologia: Isings 8. Por não se conservar o gargalo não é possível determinar com exactidão a cronologia deste unguentário; o tipo Isings 8 fabricou-se, todavia, da época de Tibério ao tempo de Adriano e Antonino (1).

12

Unguentário tubular

(Est. I, 12)

Descrição: Unguentário tubular de base ligeiramente achatada. O vidro é transparente, azul da cor do álcool desnaturado e coalhado de pequenas bolhas de ar.

Dimensões: Altura: 45 m/m. Espessura do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: Apenas se conserva o reservatório, fragmentado e colado. A face interna apre-

(1) Vid. A. e J. Alarcão, art. cit., pp. 181-182.

senta leitosidade espessa sobre toda a superfície e algumas manchas de terra; a face externa está picada.

Número de inventário: 4465.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafirim.

Tipo e cronologia: Como o n.º 8 deste artigo.

13

Unguentário tubular

(Est. I, 13)

Descrição: Unguentário de forma tubular com o fundo ligeiramente côncavo. O vidro é transparente, de cor verde-gelo (Berger *glasgrün*) denso e apresenta estrias causadas pela soflagem.

Dimensões: Altura: 51 m/m. Diâmetro máximo: 23 m/m. Espessura máxima do vidro: 4 m/m; e mínima: 1 m/m.

Estado de conservação: Apresenta leitosidade na superfície interna e picado em ambas as faces.

Número de inventário: 4466.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafirim.

Tipo e cronologia: Como o número 11 deste artigo.

14

Unguentário tubular

(Est. I, 14)

Descrição: Unguentário tubular de fundo achatado e estrangulado na base do gargalo. O vidro é transparente, azul da cor do álcool desnaturado e cheio de pequenas bolhas de ar; apresenta estrias resultantes da soflagem e pedra. São muito sensíveis as marcas de modelação na base do gargalo.

Dimensões: Altura: 55 m/m. Diâmetro máximo: 24 m/m. Espessura do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: Falta-lhe a parte superior do gargalo. A superfície externa apresenta pequenas zonas de picado intenso; a interna, leitosidade incipiente.

Número de inventário: 4463.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafrim.

Tipo e cronologia: Como o número 8 deste artigo.

15

Unguentário bulbiforme

(Est. I, 15)

Descrição: Unguentário bulbiforme de base ligeiramente côncava. O vidro é transparente, de cor verde-gelo (Berger *glasgrün*), coalhado de bolhas de ar e com estrias resultantes da soffagem.

Dimensões: Altura: 22 m/m. Diâmetro da base: 69 m/m. Espessura do vidro: 4 m/m.

Estado de conservação: Apenas se conserva um pequeno fragmento da base e do reservatório. O picado é intenso e profundo em ambas as faces; a superfície interna apresenta irisão multicolor.

Número de inventário: 7546.

Proveniência: Necrópole do Molião, no concelho de Lagos.

Tipo e cronologia: Isings 82. Fabricou-se da segunda metade do século I d. C. até aos inícios do século IV, mas é frequente sobretudo no século III d. C. (1).

16

Unguentário

(Est. I, 16)

Descrição: Unguentário de reservatório cónico, base levemente côncava, gargalo cilíndrico e estrangulado na base, e bordo repuxado para fora, em aresta viva.

(1) Vid. A. e J. Alarcão, «Quatro pequenas colecções de vidros romanos» in *Revista de Guimarães*, LXXIII, pp. 369-370.

O vidro é transparente, de cor verde-gelo (Berger *glasgrün*), com bolhas de ar oblongas, filandrado e pedra. Na base do gargalo vêem-se marcas de modelação.

Dimensões: Altura: 79 m/m. Diâmetro máximo: 30 m/m. Espessura do vidro: 0,75 m/m.

Estado de conservação: Intacto. Levemente embaçado por ténue leitosidade na face interior. A face externa apresenta picado pouco fundo mas extenso.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafrim.

Número de inventário: Este unguentário não tem etiqueta com o número de inventário. Trata-se, possivelmente, de um dos objectos que Santos Rocha descreve, em *O Museu Municipal da Figueira da Foz — Catálogo Geral*, sob os n.ºs 4378 a 4382: «urna cineraria, contendo as cinzas d'um morto, com seus opérculos, vaso de perfumes em vidro e fragmentos de pequena taça de libações, provenientes da necrópole da Fonte Velha em Bensafrim (Algarve).»

Tipo e cronologia: A classificação deste unguentário levanta certas dúvidas: trata-se, com efeito, de um tipo intermédio de Isings 28a e Isings 8. De qualquer forma, é um balsamário do século I d. C. ou, quando muito, dos inícios do século II.

17

Boião

(Est. I, 17)

»

Descrição: Boião de unguentos, bulbiforme, de base achatada. O bordo foi repuxado para fora e dobrado sobre si mesmo. O vidro, transparente, é de cor verde-gelo (Berger *glasgrün*) muito diluído; apresenta muitas bolhas de ar e espirais resultantes da soffagem.

Dimensões: Altura: 43 m/m. Diâmetro máximo: 42 m/m. Diâmetro da boca: 34 m/m. Espessura do vidro no bojo: 0,25 m/m.

Estado de conservação: Intacto e sem corrosão. Tem, no bordo, ranhuras superficiais provenientes do uso.

Proveniência: Foi encontrado na necrópole do Monte Hermínio (serra de Portalegre) e oferecido ao Museu por José Bento da Cunha.

Tipo e cronologia: Só forçadamente se pode incluir este boião de unguentos no tipo 68 de Isings, não obstante a variedade de formas que aquele tipo apresenta (1). Os paralelos mais próximos deste boião do Monte Hermínio encontram-se na Península Ibérica: um deles foi encontrado em Ampúrias, na sepultura Patel 18, e datado da época de Tibério ou Cláudio (2); outro, achado no Valle del Albarregas, encontra-se no Museu Arqueológico de Mérida (3); um terceiro, sem número de inventário nem indicação de proveniência, guarda-se na Secção Arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa. É provávelmente um vaso do século I d. C..

18

Balsamário

(Est. I, 18)

Descrição: Gargalo tronco-cónico de um balsamário (?), decorado com um fio capilar de vidro da mesma cor do vaso e enrolado em espiral. O bordo foi re-puxado para fora e dobrado sobre si mesmo.

O vidro é verde-sombrio (Berger *dunkelgrün*), com muitas bolhas de ar e estrias provenientes da softagem.

Dimensões: Altura: 50 m/m. Espessura do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: Apresenta picado muito intenso e profundo em ambas as faces.

Número de inventário: 7541.

Proveniência: Necrópole do Molião, no concelho de Lagos.

(1) Vid. J. e A. Alarcão, «Quatro pequenas colecções de vidros romanos» in *Revista de Guimarães*, LXXIII, p. 377.

(2) Vid. Almagro, ob. cit., *Tablas* apresentadas no final do volume.

(3) Foi publicado nas *Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, vols. XIII-XIV (1952-53), Madrid, 1956, p. 3 e fig. 7.

Tipo e cronologia: Nem Morin-Jean nem Isings registam este tipo, para o qual não conhecemos nenhum paralelo. Data, talvez, do século I ou dos inícios do século II d. C., pois esta parece ser a data da necrópole (1).

19

Unguentário

(Est. I, 19)

Descrição: Gargalo de um unguentário com bordo em arestas polidas ao torno. O vidro é transparente, de cor verde-gelo (Berger *glasgrün*), com numerosas bolhas de ar, estrias resultantes da soffagem e pedra.

Dimensões: Altura: 35 m/m. Diâmetro da boca: 22 m/m. Espessura do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: O bordo está esborcelado. A superfície externa apresenta-se ligeiramente picada.

Número de inventário: 7688.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafirim.

Tipo e cronologia: Indetermináveis.

20

Frasco piriforme

(Est. I, 20)

Descrição: Frasco de reservatório piriforme e gargalo cilíndrico. O fundo é ligeiramente côncavo; o bordo, repuxado para fora e polido ao fogo.

O vidro é transparente, de cor verde-gelo (Berger *glasgrün*), com muitas bolhas de ar e estrias resultantes da soffagem.

Dimensões: Altura: 150 m/m. Diâmetro máximo: 75 m/m. Espessura do vidro: 1 m/m.

(1) Vid. a introdução a este artigo.

Estado de conservação: O frasco, fragmentado e incompleto, foi reconstruído com resina acrílica. O bordo está esborcelado. Apresenta picado e leitosidade e acha-se desvitrificado numa pequena zona do gargalo devido a choque térmico.

Número de inventário: 4459.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Ben-safrim.

Tipo e cronologia: Isings 16. Este tipo fabricou-se no século I e nos inícios do século II d. C. (1).

21

Unguentário

(não ilustrado)

Descrição: Unguentário de vidro verde-sombrio (Berger *dunkelgrün*), talvez de reservatório tronco-cónico, mas tão deformado pelo fogo que se torna impossível determinar com exactidão que forma teria.

Número de inventário: 4456.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Ben-safrim.

22

Jarro de boca trilobada

(Est. II, 1)

Descrição: Jarro de gargalo cilíndrico, que alarga ligeiramente do bocal para a pansa; a boca, trilobada, é decorada na parte posterior com um fio de vidro aplicado sobre o bordo, dobrado sobre si mesmo e repuxado de modo a formar, de cada lado, duas lamelas semi-circulares. A meio desta decoração vem prender-se

(1) Vid. J. e A. Alarcão, «Quatro pequenas colecções de vidros romanos» in *Revista de Guimarães*, LXXIII, p. 379.

a asa, levantada sobre o bordo para apoio do polegar. O bordo, dobrado sobre si mesmo, forma um lábio tubular. O corpo é ovoide. A base foi empurrada para dentro e ligeiramente apertada a toda a volta por turquês, de modo a formar um pé em U.

O vidro, transparente, é de cor verde-relva (*Berger grassgrün*) diluído, com raras bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.

Dimensões: Altura: 185 m/m. Diâmetro máximo do bojo: 113 m/m. Diâmetro de base: 53 m/m. Espessura do vidro: 0,5 m/m.

Estado de conservação: Conservam-se a boca, a asa e parte do gargalo, todos fragmentados e parcialmente reconstruídos com resina acrílica. Há ainda numerosos fragmentos da base e do bojo, que não se podem colar, mas que permitiram reconstituir com segurança o perfil do vaso. O vidro apresenta picado e ranhuras fundas.

Número de inventário: 4460 (1).

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafirim.

Tipo e cronologia: Isings 124.

Sob o número 124 Isings descreve jarros de boca trilobada característicos do século IV d. C.; alguns, como a própria autora observa, não diferem muito do tipo 88a, característico dos fins do século II e dos inícios do III; os jarros de tipo 88a, porém, têm o gargalo mais curto e afunilado, enquanto os de tipo 124 o apresentam mais alto e cilíndrico. Além da forma do gargalo, outro pormenor nos convence da data tardia deste jarro: o cordão de vidro oposto ao bordo e repuxado de modo a formar lamelas; com efeito, encontra-se esta mesma decoração no tipo Isings 123 (=Morin-Jean 61), também do século IV d. C.

(1) Este jarro é talvez o vaso que Santos Rocha descreve nestes termos: «um de côr esverdeada, com a forma de gomil, recordando perfeitamente a *oinchoé* dos gregos. Tem collo elevado e asa, e mede na altura 0,15 m aproximadamente» — in «Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve», n.º *Archeologo Português*, I p. 332. A dimensão dada por Santos Rocha não concorda com a deste vaso; possivelmente, porém, o autor calculou apenas a altura do fragmento mais completo; este tem hoje 105 m/m, mas pode bem ter-se partido depois da descrição de Santos Rocha.

23

Enócoa (?) de vidro egípcio

(Est. II, 2)

Descrição: Fragmento de um vaso de vidro opaco, azul-ultramarino (Berger *ultramarinblau*), decorado com seis cordões de vidro marmado; os três primeiros são horizontais; os restantes, em ziguezague; todos os cordões são amarelos (Berger *orange*), com excepção do cordão central dos três que formam o zigue-zague — que é azul turqueza.

Dimensões: O fragmento tem sensivelmente a forma de um losango e as suas diagonais medem 12×25 m/m. A espessura do vidro é de 2 m/m.

Estado de conservação: Apresenta picado e ranhuras superficiais.

Número de inventario: 1867.

Proveniência: Foi encontrado no Crasto, na freguesia de Tavarede.

Tipo e cronologia: O fragmento, que tem a curvatura do ombro de uma ânfora ou enócoa, é demasiadamente pequeno para que possa reconstituir-se a sua forma ou determinar-se-lhe a cronologia. Pode tratar-se de um desses produtos do Egipto ou da Síria, mercadejados por fenícios, gregos e cartagineses, e frequentes em estações litorais da Península Ibérica (1).

24

Jarro

(Est. II, 3)

Descrição: Jarro de corpo ovoide, com ombros bem marcados e boca trilobada. O bordo foi polido ao fogo e a base empurrada para dentro de modo a formar

(1) Sobre estes vidros, o melhor estudo de conjunto é ainda o de Poul Fossing, *Glass Vessels before Glass-blowing*, Copenhagen, 1940.

como que uma cúpula; o pé é tubular. O bojo é decorado com fios de vidro aplicados sobre o vaso ainda quente e que formam um desenho semelhante ao de forquilhas. O vidro é transparente e incolor.

Dimensões: Altura provável: 163 m/m. Diâmetro máximo: 85 m/m. Espessura média: 1 m/m.

Estado de conservação: A peça está partida em dezenas de fragmentos e incompleta; a reconstituição que apresentamos é provável, ainda que não absolutamente segura. Da boca, resta um fragmento que não permite reconstituí-la, embora se possa dizer que era trilobada. Apresenta ligeira leitosidade nas duas faces, esfoliações e picado superficial mas extenso.

Número de inventário e proveniência: Este jarro não tem número de inventário nem qualquer indicação de proveniência. No Catálogo do Museu que Santos Rocha publicou (1) citam-se todavia seis vasos que não encontramos no Museu: 4453, 4457, 4462 e 7689 (da necrópole da Fonte Velha, em Bensafrim); 4567 (das ruínas da Boca do Rio, em Budens); 7538 (da necrópole do Molião, no concelho de Lagos). Possivelmente, este vaso corresponde a um dos números citados; a descrição dos objectos no *Catálogo* é porém tão sumária que não temos possibilidade de determinar qual terá sido o número exacto do jarro. No artigo já citado que Santos Rocha publicou n' *O Archeólogo Português*, descrevem-se porém, entre os achados de Bensafrim, «os restos de um vaso depolido (sic) e com ornatos em relevo, indicando o typo de *oinochoé*» (2). É possível que estes restos sejam os que aqui estudamos; sendo assim, este jarro corresponderia a um dos números 4453, 4457, 4462 e 7689.

Tipo e cronologia: A decoração deste vaso pode considerar-se uma variante da ornamentação reticulada que nos aparece, por exemplo, no número 26 deste artigo. Os alemães chamam a este tipo de vidro com decoração reticulada *Gläser mit Netzmustern* e Thorpe

(1) A. Santos Rocha, *O Museu Municipal da Figueira da Foz — Catálogo Geral*, Figueira da Foz, 1905.

(2) Vid. A. Santos Rocha, «Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve» in *O Archeólogo Português*, I, pp. 333.

descreve a ornamentação como *niptdiamond waies* (1); encontra-se desde o século I d. C. (2) ao V (3), mas é mais frequente nos séculos III e IV (4). Os vasos em que o reticulado toma a forma de forquilhas são pouco frequentes e não conhecemos nenhum que se assemelhe, na forma, ao nosso: há jarros de uma só asa mas de boca circular (5), um anforisco de duas asas (6), um frasco de reservatório cónico (7) — todos dos fins do século III ou do século IV (8). O perfil deste vaso de Bensafrim assemelha-se, sem ser igual, ao do tipo 124b de Isings, que é uma forma também do século IV d. C. — e por isso sugerimos esta data para o nosso vaso.

25

(Est. II, 4)

Descrição: Parte inferior de um vaso de paredes e fundo interno convexos e pé anelar. O vidro é transparente, de cor verde-esmeralda (*Berger smaragdgrün*).

Dimensões: Altura: 23 m/m. Espessura do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: O vidro apresenta-se picado superficialmente e com ranhuras provenientes do uso.

(1) Vid. Thorpe, *English Glass*, 3.^a ed., 1961, p. 17.

(2) Vid. hic., p. 101 e nota 6

(3) Vid. Thorpe, ob. cit. est. VII, b.

(4) Vid. F. Fremersdorf, *Römische Gläser mit Fadenauflage in Köln*, Köln, 1959, ests. 108-119.

(5) Vid. Morin-Jean, ob. cit., fig. 128; Thorpe, ob. cit. est. VI d; D. Charlesworth, «Roman Glass in Northern Britain» in *Archaeologia Aeliana*, 4th Series, 37 (1959), p. 52 e fig. 8 n.º 10.

(6) Vid. Vessberg, ob. cit., fig. 47. 26 e pp. 206-207.

(7) Vid. D. B. Harden, *Roman Glass from Karanis*, 1936, n.º 593. Veja-se a nota 2 de p. 208, onde o autor cita outros vasos com o mesmo tipo de decoração.

(8) Conhecemos, além dos já citados, outros exemplos cuja cronologia é incerta: cf. A. Straub, *Le cimetière gallo-romain de Strasbourg*, Strasbourg, 1881, p. 27; B. Stümpel, «Bericht des Landesdienstes für vor- und frugeschichte im Reg.-Bez. Rheinhessen und in Kreiss Kreuznach für die Zeit vom 1. April. 1957 bis 31. März 1959» in *Mainzer Zeitschrift*, 54 (1959), p. 78, fig. 27.

Número de inventário e proveniência: Este fragmento não tem número de inventário nem indicação de proveniência (1).

Tipo e cronologia: Indetermináveis.

26

Jarro

(Est. II, 5)

Descrição: Jarro de corpo globular e fundo côncavo. O colo é muito baixo; o bordo foi repuxado para fora, horizontalmente, e depois apertado com turquês de modo a formar um lábio arredondado. A asa, virguliforme, sobe acima da boca. O bojo é decorado com fios de vidro da mesma cor do vaso, que formam como que uma rede.

O vidro é transparente, quase incolor, apenas tingido muito ligeiramente de verde-musgo (*Berger saftgrün*), e com raras bolhas de ar. Tem marca do pontel visível no fundo.

Dimensões: Altura (com a asa): 110 m/m. Diâmetro de boca: 75 m/m. Diâmetro máximo do bojo: 95 m/m. Espessura média do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: Fragmentado e incompleto, este vaso foi reconstruído com resina acrílica. Apresenta leitosidade incipiente, picado muito ligeiro e riscos provenientes do uso.

Número de inventário e proveniência: Este jarro tem o número 4272; no *Catálogo* já citado de Santos Rocha, o número 4272 é porém uma peça de cerâmica proveniente da citânia de Santa Luzia (2); houve portanto qualquer erro ou troca de etiquetas. Este jarro é possivelmente o que Santos Rocha descreve n' *O Archeologo Português*, entre outros vidros de Bensafirim: «outro

(1) Veja-se o que dissemos ao tratar do número de inventário e proveniência do jarro anterior.

(2) Lê-se na p. 106 do *Catálogo*: «4266 a 4268 e 4270 a 4283 — Cerâmica da mesma proveniência» (isto é, da citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo).

vaso com ornatos em relevo recorda o typo do aryballos dos gregos, que Guhl e Koner representam na sua obra sobre a vida grega, figs. 237 a 277, n.º 36 (em nota, *La Grèce*, p. 208), com a diferença de o nosso exemplar ter a bocca e o collo mais largos. Mede na altura 0,™08» (1). A dimensão indicada por Santos Rocha não é exactamente a do nosso vaso, (que mede, sem a asa, 88 m/m de altura) mas não há, na colecção do Museu da Figueira da Foz, nenhum vaso a que corresponda melhor a descrição do autor.

Tipo e cronologia: Isings 57.

Os jarros deste tipo, que não são abundantes, copiam um protótipo metálico. Encontraram-se alguns em Pompeia, e o seu fabrico começou portanto antes de 79 d. C.; a produção continuou na primeira metade do século II d. C. (2).

A decoração destes jarros é variável. Alguns são lisos, como o de Colónia publicado por Fremersdorf (3) e o da necrópole portuguesa de Valdoca, em Aljustrel (4). Outros são decorados com caneluras (5), outros ainda com fios de vidro aplicados no vaso ainda muito quente e por vezes apertados e repuxados com pinças (6).

De todos os vasos deste tipo, o mais antigo, e também o mais ricamente decorado, é o do Antiquarium

(1) Vid. Santos Rocha, «Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve», in *O Archeologo Português*, I, p. 333.

(2) Vid. F. Fremersdorf, *Römisches geformtes Glas in Köln*, Köln, 1961, n.ºs 69-70.

(3) Vid. F. Fremersdorf, *Das naturfarbene sogenannte blaugrüne Glas in Köln*, Köln, 1958, n.º 59.

(4) Vid. Abel Viana, «Vidros Romanos em Portugal», in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Faculdade de Ciências do Porto), vol. XVIII, 1959, pp. 5-42, fig. 13.

(5) Vid. F. Fremersdorf, *Römisches geformtes Glas in Köln*, Köln, 1961, n.ºs 69-70.

(6) V. g. o de Crescentino, no museu de Turim, citado por Isings, *Roman Glass from dated Finds*, Groningen, 1957, p. 76 e o de Cadra, 11, publicado por Chr. Simonett, *Tessiner Gräberfelder*, Basel, 1941, fig. 124, p. 145 (deste apenas se conhecem dois fragmentos; talvez demasiadamente pequenos para se poderem atribuir com segurança a um jarro de tipo 57, embora Isings o admita).

de Berlim, que Zahn publicou (1): tem folhagens de acanto, hera e carvalho pintadas e douradas e data talvez da primeira metade do século I d. C..

27

Prato

(Est. III, 1)

Descrição: Prato de forma aproximadamente cilíndrica, de fundo côncavo, bordo repuxado para fora e lábio grosso. Tem, no fundo, uma marca nítida do pontel.

O vidro, de cor verde esmeralda (*Berger smaragdgrün*), transparente, apresenta-se coalhado de bolhas, algumas das quais muito grandes, cheio de impurezas e com estrias resultantes da soflagem.

Dimensões: Altura: 28 m/m. Diâmetro da boca: 154 m/m. Espessura máxima do vidro: 7 m/m; e mínima: 0,75 m/m.

Estado de conservação: Intacto e sem corrosão.

Proveniência: Encontrado na necrópole de Monte Hermínio (Serra de Portalegre) e oferecido ao Museu por José Bento da Cunha. Não tem número de inventário.

Tipo e cronologia: Isings 48. Os pratos deste tipo costumam ter o bordo dobrado sobre si e tubular e um pé também tubular. Isings cita, como exemplares datados, apenas os quatro pratos de um túmulo de Vervoz (2), do último quartel do século I d. C. e um outro encontrado no cemitério de Tortorolo (Itália), talvez dos meados do mesmo século. Este tipo também se fabricou de vidro opaco (3).

(1) Vid. R. Zahn, «Glaskännchen im Berliner Antiquarium» in *Die Antike*, V, 1929, pp. 45 ss.

(2) Vid. J. Philippe, «Les verres des Tumuli de Vervoz» in *Hommages à Albert Grenier*, editadas por M. Renard, Bruxelas, 1962, vol. III, p. 1249.

(3) Vid. F. Fremersdorf. *Römisches Buntglas in Köln*, Köln, 1958, p. 35.

Pixide

(Est. III, 2)

Descrição: Taça de forma aproximadamente cilíndrica, fundo côncavo e pé tubular. As paredes têm um perfil de S alongado. O bordo foi repuxado para fora, formando como que uma pequena aba, e polido ao fogo.

O vidro é transparente, de cor verde-esmeralda (Berger *smaragdgrün*), coalhado de bolhas de ar, algumas das quais muito grandes; apresenta muitas impurezas e estrias resultantes da soffagem. Vê-se bem no fundo da taça a marca do pontel.

Dimensões: Altura: 52 m/m. Diâmetro da boca: 87 m/m. Espessura do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: Intacta. Ligeiramente picada na face externa e com leitosidade incipiente sobre o fundo.

Proveniência: Foi encontrada na necrópole do Monte Hermínio (serra de Portalegre) e oferecida ao Museu da Figueira da Foz por José Bento da Cunha. Não tem número de inventário.

Tipo e cronologia: Isings 41a.

As taças de tipo Isings 41a aparecem muitas vezes em túmulos. Em Vervoz (Bélgica), numa sepultura da época dos Flávios, encontraram-se oito taças (1), quatro mais pequenas, quatro maiores. Em outros túmulos têm-se encontrado grupos de quatro (2).

Na sepultura citada de Vervoz encontraram-se ainda quatro pratos do tipo do número 27 deste artigo; é possível pois que um prato, uma taça grande e uma pequena, constituíssem um «serviço» e que os números 27 a 29 do presente artigo tenham sido encontrados na mesma sepultura.

Fremersdorf considera o tipo Isings 41a do século I d. C. (3); Isings cita, como exemplar mais antigo,

(1) Vid. M. Vanderhoeven, «*Verres romains (Ier-III^{ème} siècle) des Musées Curtius et du verre à Liège*», Liège, 1961, n.^{os} 33 a 40, e J. Philippe, art. cit., p. 1249.

(2) Vid. Isings, ob. cit., p. 57.

(3) Vid. F. Fremersdorf, *Das naturfarbene sogenannte blaugrüne Glas in Köln*, Köln, 1958, p. 37.

o de um túmulo de Giubiasco, da época de Cláudio ou Nero e, como mais recente, quatro taças de uma sepultura de Solva atribuída a c. 100 d. C. Egger, porém, publicou duas taças encontradas num túmulo de Altenmarkt com um médio bronze do século II: FAVSTINA MATER. *Rev. CONCORDIA AVG SC* (Cohen 212) (1); se não se trata de peças guardadas em herança, obrigarão a rever a cronologia proposta pela maior parte dos autores; é curioso, porém, que, em outro túmulo de Altenmarkt, o mesmo arqueólogo encontrou, juntamente com uma moeda de Adriano, um tipo de vidro habitualmente considerado do século I d. C. (2).

Embora perfeitamente integrável no tipo 41a, esta taça diverge todavia das formas que conhecemos; as paredes têm um perfil sinuoso que não é comum e o bordo é liso, ao contrário dos outros exemplares, que apresentam um bordo tubular.

29

Pixide

(Est. III, 3)

Descrição: Pequena taça da mesma forma e do mesmo vidro que a anterior, mas de menores dimensões. Não se nota, no fundo, marca de pontel.

Dimensões: Altura: 31 m/m. Diâmetro da boca: 60 m/m. Espessura média do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: Intacta. Apresenta ligeiro picado na face externa.

Proveniência: Foi encontrada na necrópole do Monte Hermínio (Serra de Portalegre) e oferecido ao Museu por José Bento da Cunha.

Tipo e cronologia: Como o número 28 deste artigo.

(1) Vid. R. Egger, «Ausgrabungen in Norikum, 1912/13» in *Jahreshefte des Österreichischen Archäologischen Instituts in Wien*, Band XVII, 1914, col. 76, fig. 47, 1 e 4.

(2) Vid. J. e A. Alarcão, «Vidros romanos do Museu de Martins Sarmiento» in *Revista de Guimarães*, LXXIII, p. 192.

30

Taça

(Est. III, 4)

Descrição: Fragmento do bordo de uma taça, ligeiramente curvado para o interior e polido ao fogo. O vidro, transparente, é de um tom intermediário de verde-maçã (Berger *maigrün*) e verde-relva amarelado (Berger *hellgrün*).

Dimensões: Diâmetro da boca: 84 m/m.

Estado de conservação: Apresenta algumas manchas de irisão multicolor, picado e ranhuras profundas.

Número de inventário: 4479.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafirim.

Tipo e cronologia: Isings 116a. Sobre este tipo e a sua cronologia (século IV e inícios do V d. C.) veja-se o nosso artigo «Quatro pequenas colecções de vidros romanos» (1).

31

Taça

(Est. III, 5)

Descrição: Taça de fundo côncavo, com pé tubular e marca de pontel; o bordo é repuxado horizontalmente e de arestas vivas; o perfil das paredes apresenta uma dupla convexidade. O vidro é transparente, de cor verde-relva amarelado (Berger *hellgrün*) muito diluído e com muitas bolhas de ar, mas pequenas.

Dimensões: Diâmetro da boca: 88 m/m. Diâmetro da base: 66 m/m. Espessura mínima do vidro: 0,5 m/m. Altura possível: 50 m/m

Estado de conservação: Apresenta leitosidade incipiente e picado intenso e espoliações em ambas as faces.

(1) Na *Revista de Guimarães*, LXXIII, p. 381.

Número de inventário: 7540.

Proveniências: Necrópole do Molião, em Lagos.

Tipo e cronologia: A reconstrução não é perfeitamente segura. Havia, no Museu da Figueira da Foz, três fragmentos: de um lado, o fragmento de um fundo com o número de inventário 7540; do outro lado, sem número de inventário, um pequeno fragmento de um fundo e um fragmento do bordo e parede convexa de uma taça. Verificámos que este pequeno fragmento de fundo, sem número de inventário, se ajustava perfeitamente ao fragmento de base n.º 7540; assim, o fragmento de bordo e parede deve pertencer à mesma taça. O fragmento de bordo sem número de inventário e o fundo n.º 7540 vão representados a cheio; a tracejado vai a reconstrução possível da taça.

Não conhecemos nenhum paralelo próximo para esta taça.

32

Taça

(Est. III, 6)

Descrição: Taça de paredes ligeiramente convexas, fundo horizontal e pé anelar; o bordo forma como que uma aba oblíqua e termina em aresta.

O vidro, translúcido e incolor, apresenta-se cheio de bolhas de ar e com espirais resultantes da soffagem.

Dimensões: Altura: 27 m/m. Diâmetro do bordo: 75 m/m. Espessura mínima do vidro: 0,5 m/m.

Estado de conservação: Partida e incompleta, foi reconstruída com resina acrílica. Apresenta pontuado profundo e extenso em toda a superfície e ranhuras que atravessam toda a espessura do vidro. Irisão multi-color, embora incipiente, cobre toda a superfície.

Número de inventário: 7539.

Proveniência: Necrópole do Molião, em Lagos.

Tipo e cronologia: Nem Morin-Jean nem Isings registam este tipo. Berger publicou um vaso de perfil idêntico embora diferente nas dimensões: é um prato de

27 m/m de altura e 190 m/m de diâmetro (1). Este prato foi encontrado num túmulo com cerâmica da época dos Flávios e uma moeda de Vespasiano. O autor cita, como único paralelo, um prato encontrado em Kertsch e atribuído pelo achador à primeira metade do século I d. C., embora Berger se incline mais para a segunda metade do mesmo século. É possível que, à semelhança do tipo Isings 41a (2), esta forma se tenha fabricado também em dois tamanhos: o prato de Vindonissa e a taça do Monte Molião.

- Encontra-se um paralelo para esta taça, em J. P. Bushe-Fox, *Second Report on the Excavations on the Site of the Roman Town at Wroxeter*, Oxford, 1914, p. 21 e fig. 12. O autor afirma que essa taça de Wroxeter foi descoberta num estrato que, provavelmente, não é posterior aos meados do século II d. C.

33

Taça

(Est. III, 7)

Descrição: Fundo de uma taça (?) de vidro quase incolor, apenas ligeiramente tingido de verde-maçã (Berger *maigrün*). O fundo é horizontal, com marca de pontel; o pé, anelar. Apresenta um fio de vidro da mesma cor aplicado.

Dimensões: Altura: 13 m/m. Diâmetro máximo: 85 m/m. Espessura mínima do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: Conservam-se apenas dois fragmentos da base, colados. O vidro apresenta-se intensamente picado, esfoliado, parcialmente desvitrificado devido a calor intenso, e com irisão esmaltada e multicolor.

Número de inventário: 4571.

Proveniência: Ruínas da Boca do Rio, em Budens.

Tipo e cronologia: Indetermináveis.

(1) Vid. L. Berger, *Römische Gläser aus Vindonissa*, Basileia, 1960, n.º 32 do Catálogo.

(2) Vid. *hic*, n.º 28.

Boião

(Est. III, 8)

Descrição: Boião de corpo globular, colo apertado e boca afunilada, bordo polido ao fogo, e fundo côncavo, sem pé. O vidro é transparente, ligeiramente tingido de verde-esmeralda (Berger *smaragdgrün*), com muitas bolhas de ar e espirais resultantes da soffagem (1).

Dimensões: Altura provável: 80 m/m; diâmetro da boca: 60 m/m; espessura do vidro: 0,3 m/m.

Estado de conservação: Conservam-se mais de duas dezenas de fragmentos, com os quais não se pode reconstruir o vaso; dois fragmentos maiores permitem todavia determinar com exactidão o perfil da base, da boca e do colo. O vidro está picado superficialmente e ligeiramente embaciado.

Número de inventário: 4470.

Proveniêna: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafirim.

Tipo e cronologia: Este vaso assemelha-se ao tipo 4 de Isings embora o seu perfil seja mais acentuado, isto é, o colo mais apertado, o corpo mais bojudo e a base mais côncava.

Do tipo Isings 4 há apenas um vaso datável, que foi publicado por Simonett (2), e que pode atribuir-se aos fins do reinado de Augusto ou aos inícios do de Tibério. No século v também se fabricou um tipo semelhante (3), embora de perfil ainda mais acentuado que o do vaso de Bensafirim. Não conhecemos nenhum

(1) A. Santos Rocha descreveu este vaso n' *O Arch. Port.* I, p. 333 nestes termos: «...um vaso de vidro tão delgado como uma folha de papel, de que não foi possível restaurar senão a parte superior. Distingue-se esta peça por ter o collo mais elevado, e ser bojuda.»

(2) Vid. Chr. Simonett, *Teßsiner Gräberfelder*, Basel, 1941, fig. 119, n.º 25 e p. 140; este boião é decorado com fios de vidro marmados.

(3) Vid. M. Vanderhoeven, *Verres romains tardifs et mérovingiens du Musée Curtius*, Liège, 1958, n.º 49 e, do mesmo autor, *De Romeinse Glasverzameling in het Gallo-Romeins Museum te Tongeren*, Tongres, 1962, n.º 196.

vaso bem semelhante a este e datado, de modo que não arriscamos uma cronologia exacta. Talvez date, porém, do século I ou dos inícios do II d. C. (1)

35

Boião

(Est. III, 9)

Descrição: Boião cilíndrico de bordo de arestas polidas ao torno; abaixo do bordo corre uma faixa esmerilada de 2 m/m de altura, e sob ela a taça apresenta depressões ovais equidistantes. A base é plana, decorada pelo exterior com quatro círculos esmerilados agrupados dois a dois (2).

O vidro é transparente, ligeiramente tingido de verde-azeitona (Berger *olivgrün*), com algumas bolhas de ar.

Dimensões: Diâmetro da boca: 100 m/m. Altura possível: 125 m/m. Espessura do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: O boião acha-se partido em dezenas de fragmentos e incompleto. Pelos fragmentos que restam pôde fazer-se a reconstituição que apresentamos: a forma geral é segura, embora seja hipotética a altura do vaso; além disso, também não sabemos se o corpo do vaso teria mais depressões semelhantes às que se vêem logo abaixo do bordo.

Número de inventário: 4471.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafirim.

Tipo e cronologia: A decoração com depressões feitas com um instrumento de metal enquanto o vidro estava ainda muito quente e maleável não é própria só de uma

(1) Vid. a Introdução a este artigo.

(2) A. Santos Rocha fez deste vaso a seguinte descrição: «restos de uma taça ondulada com fundo de prato, guarnecida de faxas esmeriladas». Vid. *O Arch. Port.*, I, p. 333.

determinada forma ou época (1). Não conhecemos nenhuma forma semelhante à deste vaso e não arriscamos, por isso, uma cronologia exacta; é possível, porém, que se trate de uma forma do século I ou dos inícios do II d. C. (2).

36

Garrafa

(Est. IV, 1)

Descrição: Frasco de corpo ovóide decorado com três zonas de linhas esmeriladas: a zona superior com duas linhas, a média com três, a inferior apenas com uma linha. O gargalo é alto e ligeiramente afunilado, estrangulado na base; o pé é tubular.

O vidro, transparente, de cor verde-maçã (Berger *maigrün*), tem algumas bolhas de ar muito pequenas e pedra. Vêm-se marcas de modelação na base do gargalo.

Dimensões: Altura: 145 m/m. Diâmetro máximo: 80 m/m. Espessura do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: Falta a parte superior do gargalo e o fundo; o pé está esborcelado. Apresenta leitosidade incipiente na face interna e ranhuras provocadas pelo uso.

Proveniência: Foi encontrada na necrópole do Monte Hermínio (serra de Portalegre) e oferecida ao Museu da Figueira da Foz por José Bento da Cunha.

Tipo e cronologia: Não conhecemos nenhum paralelo exacto para este vaso; parece-nos todavia uma variante

(1) Vid. Morin-Jean, *La Verrerie en Gaule sous l'Empire Romain*, 1913, p. 193. O. Vessberg, *The Swedish Cyprus Expedition, vol. IV, part 3: The Hellenistic and Roman Periods in Cyprus*, Estocolmo, 1956, figs. 44 e 45; Vanderhoeven, *De Romeinse Glasverzameling in het Gallo-Romeins Museum te Tongeren*, Tongres, 1962, passim; Cl. Isings, *Roman glass from dated finds*, Groningen, 1957, passim.

(2) Vid. a introdução a este artigo.

do tipo Isings 104a (=Morin-Jean 40). Este é um frasco de pansa mais esférica que ovóide e um gargalo mais curto e afunilado que o do frasco do Monte Hermínio; além disso, não tem habitualmente o estrangulamento que o vaso do Monte Hermínio apresenta na base do gargalo. Morin-Jean reproduziu todavia um frasco do Musée Départemental des Antiquités de Ruão com um gargalo bastante alto e semelhante ao nosso, embora sem estrangulamento e de bojo esférico (1). Harden publicou também um vaso deste tipo achado em York e de pansa mais oval que esférica (2).

A decoração de linhas esmeriladas paralelas é comum em vasos de tipo Isings 104a.

O tipo é característico do século IV d. C., embora se encontrem alguns exemplos em sepulturas do século III (3). Aos exemplos datados citados por Isings pode acrescentar-se um achado em Wölfshheim (4). O tipo é frequente nos vales do Mosela e Reno, mais raro no sul.

37

Gargalo

(Est. IV, 2)

Descrição: Gargalo quase cilíndrico mas estreitando ligeiramente para a ponta. O vidro, transparente, é de cor verde-relva amarelado (Berger *hellgrün*), coalhado de bolhas de ar muito alongadas. Apresenta marcas de modelação na base.

Dimensões: Altura: 95 m/m. Espessura do vidro: 2 m/m.

(1) Vid. Morin-Jean, ob. cit., fig. 107.

(2) Vid. D. B. Harden, «Glass in Roman York», in Royal Commission on Historical Monuments of England, *An Inventory of the Historical Monuments in the City of York, vol. I — Eburacum, Roman York*, Londres, 1962, est. 67, H. 2059.2 e p. 141.

(3) Vid. Isings, ob. cit. p. 123 e Morin-Jean, ob. cit. p. 94.

(4) Vid. M. Biehn, «Jahresbericht des Altertums-Museums der Stadt Mainz vom 1. April 1937 bis 31. März 1938» in *Mainzer Zeitschrift*, XXXIII, 1938, p. 20 e fig. 16-2 e 2a.

Estado de conservação: Partido na parte superior. O picado é intenso em ambos as faces, e o lado interno acha-se coberto de leitosidade incipiente. Apresenta ainda ranhuras fundas.

Número de inventário: 7545.

Proveniência: Necrópole do Molião, no concelho de Lagos.

Tipo e cronologia: Este gargalo pode pertencer a um vaso idêntico ao que se descreve a seguir; o fragmento não permite, porém, determinar com segurança qual seria a forma do vaso completo.

38

Garrafa

(Est. IV, 3)

Descrição: Frasco de corpo ovóide com ombros bem pronunciados e um gargalo alto e esguio que estreitece para a ponta. A base foi empurrada para dentro com o pontel e apertada com turquêsas de modo a formar um pé. O bordo, liso, foi polido ao torno. Finas linhas esmeriladas ornamentam o corpo do vaso e o gargalo.

O vidro é transparente, amarelo esverdeado da cor do azeite, com algumas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem (1).

Dimensões: Altura: 169 m/m. Diâmetro máximo: 81 m/m. Espessura média do vidro: 1 m/m.

Estado de conservação: Fragmentado e incompleto. As partes que faltavam foram reconstruídas com resina acrílica. Apresenta picado superficial em ambas as faces e leitosidade espessa na parte de dentro.

Número de inventário: 4464.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafirim.

(1) A. Santos Rocha descreve assim este vaso: «uma elegante garrafinha de vidro amarello, de collo alto e estreito e com o bojo em fôrma de taça. Mede na altura 0,^m165». Vid. *O Arch. Port.*, I, p. 333.

Tipo e cronologia: Não conhecemos nenhum paralelo para este vaso e não arriscamos por isso qualquer cronologia.

39

Copo

(Est. IV, 4)

Descrição: Copo em forma de campânula, de fundo côncavo e bordo de arestas ligeiramente polidas ao torno e encurvado para dentro. Decorado com linhas paralelas esmeriladas.

O vidro é transparente, de cor verde-gelo (Berger *glasgrün*), com algumas bolhas de ar e pedra (1).

Dimensões: Altura: 91 m/m. Diâmetro da boca: 89 m/m. Espessura do vidro: 0,75 m/m.

Estado de conservação: Fragmentado e incompleto, este vaso foi reconstruído com resina acrílica. Apresenta picado superficial e algumas manchas leitosas.

Número de inventário: 4461.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Bensafrim.

Tipo e cronologia: Nem Morin-Jean nem Isings registam este tipo. Fremersdorf publicou dois copos achados em Colónia e de perfil semelhante (2); ambos têm, porém, um pé tubular, ao contrário deste vaso de Bensafrim. Em Chipre há copos cujo perfil lembra o do nosso (3); alguns foram encontrados no túmulo Limassol, Oasis I, que é posterior a 220 d. C. (4). Ne-

(1) Este copo foi descrito por A. Santos Rocha n' *O Arch. Port.* I, p. 332: «de vidro mui fino e diaphano, tem o typo campaniforme, e mede na altura 0, m^m093».

(2) Vid. F. Fremersdorf, *Das naturfarbene sogenannte blaugrün Glas in Köln*, Köln, 1958, est. 73.

(3) Vid. O. Vessberg, ob. cit., fig. 44, n.º 22 a 24.

(4) Vid. O. Vessberg, ob. cit., p. 199 e, do mesmo autor, «Notes on the Chronology of the Roman Glass in Cyprus», in *Studies presented to David Moore Robinson*, II, p. 167.

nhum deles apresenta todavia um perfil que seja bem semelhante ao do copo de Bensafirim. A ausência de paralelos próximos e datados impede-nos de sugerir uma data exacta, embora admitamos como mais provável o século I ou os inícios do II d. C. (1).

40

Copo

(Est. IV, 5)

Descrição: Pequeno fragmento da parede de um copo decorado com uma canelura. O vidro é incolor e parece de boa qualidade.

Dimensões: O fragmento é triangular e os seus lados medem 28, 24 e 20 m/m.

Estado de conservação: A face externa acha-se profundamente picada, com ranhuras, e coberta de leitosidade incipiente; a face interna também apresenta picado e esfoliações.

Número de inventário: 4568.

Proveniência: Ruínas de Boca do Rio, em Budens.

Tipo e cronologia: Baseámos a reconstituição num fragmento também pequeno, inédito, do Museu Monográfico de Conímbriga, pois este da Boca do Rio parece pertencer ao mesmo tipo. Ambos os fragmentos são, provavelmente, do tipo Isings 21. Este é um copo cónico que apresenta, numa zona delimitada por caneluras ou linhas esmeriladas, uma decoração de ovais também esmeriladas e dispostas desencontradamente como os alvéolos de um favo (2). Há todavia alguns copos de perfil semelhante, mas decorados apenas com

(1) Vid. a introdução a este artigo.

(2) Vid. sobre este tipo, L. Berger, *Römische Gläser aus Vindonissa*, Basel, 1960, pp. 67-74; J. Werner, «Zu älterkaiser zeitlichen Glasbechern (Eggers Form 185-187)» in *Germania*, 31, 1953 pp. 61-63; G. Ekholm, «Orientalische Glasgefäße in Skandinavien» in *Eurasia Septentrionalis Antiqua*, X, 1936, pp. 61-72; do mesmo autor, «Scandinavian Glass Vessels of oriental origin from the first to the sixth century» in *Journal of Glass Studies*, V (1963) pp. 29-37.

caneluras, sem ovais (1). O fragmento da Boca do Rio é demasiadamente pequeno para que possa determinar-se como é que seria decorado. De qualquer forma, este tipo pertence aos fins do século I e aos inícios do II d. C.

41

Copo

(Est. IV, 6)

Descrição: Copo de paredes oblíquas e muito ligeiramente côncavas, carenadas junto da base; o bordo, de arestas vagamente polidas ao torno, encurva-se para dentro. É decorado com duas linhas e três faixas paralelas esmeriladas.

O vidro, transparente, é de cor verde-relva (Berger *grassgrün*) muito diluída, com grandes bolhas de ar (2).

Dimensões: Altura: 114 m/m. Diâmetro da boca: 80 m/m.

Estado de conservação: O copo, fragmentado e incompleto, foi parcialmente reconstruído com resina acrílica. O vidro, embaciado por ténue leitosidade e parcialmente desvitrificado por calor intenso, acha-se picado superficialmente.

Número de inventário: 4468.

Proveniência: Necrópole da Fonte Velha, em Ben-safrim.

Tipo e cronologia: Isings 34. Este tipo começou a fabricar-se na segunda metade do século I d. C. e continuou até ao século IV (3). A variedade de formas que

(1) Vid. R. Sunkovsky, *Antike Gläser in Carnuntum und Wien*, Viena, 1956, est. 12 b.

(2) A. Santos Rocha descreve assim este copo: «de vidro esverdeado e com algumas faxas esmeriladas, devia ter pé, e pertence ao tipo que Guhl e Koner representam na fig. 207 da sua obra sobre a vida romana (em nota, *Rome*, p. 241)», in *O Arch. Port.*, I, p. 332.

(3) Vid. Isings, ob. cit. p. 48 e D. B. Harden, «Roman Tombs at Vasa: The Glass» in *Report of the Department of Antiquities, Cyprus*, 1940-48, publicado em 1955, p. 52.

Isings inclui neste tipo é grande (1); a forma mais comum é, porém, o copo tronco-cônico de paredes ligeiramente convexas (2); as formas carenadas são menos frequentes. Não conhecemos nenhuma forma carenada que se assemelhe de perto à deste copo e não nos atrevemos a sugerir uma data precisa (3).

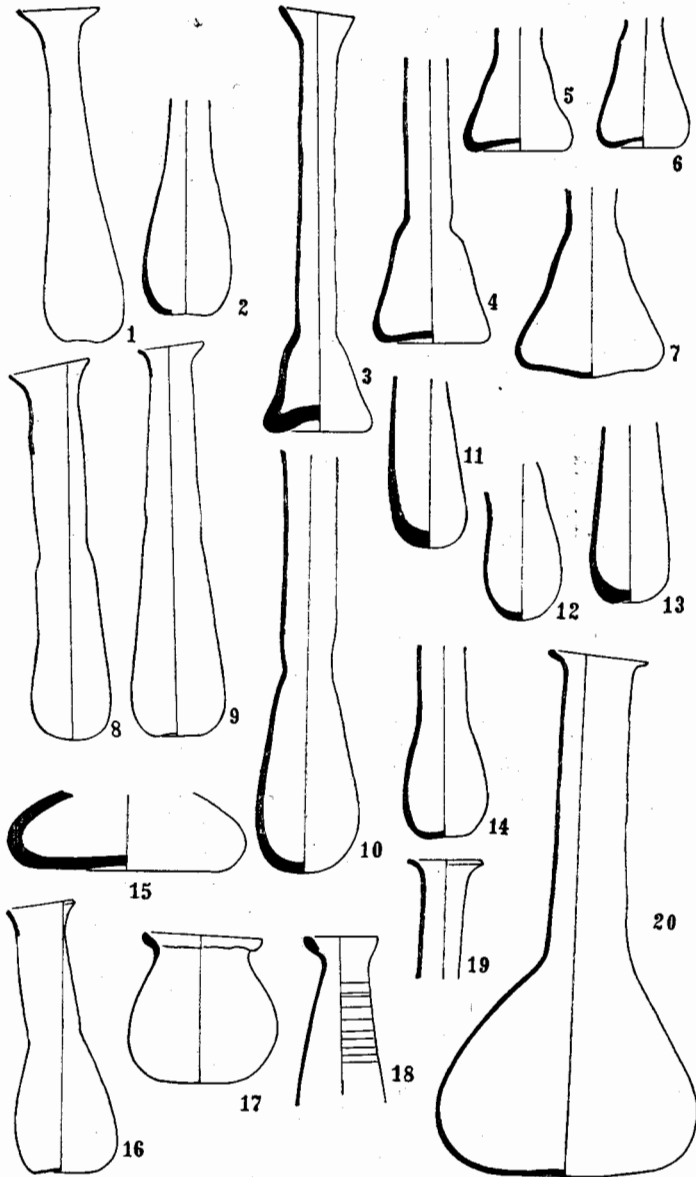
(1) Vid. O. Vessberg, *The Swedish Cyprus Expedition, vol. IV part III: The Hellenistic and Roman Periods in Cyprus*, Estocolmo, 1956, est. 45, 2 a 9.

(2) Vid. o copo da Citânia de Briteiros que publicámos em «Vidros romanos do Museu de Martins Sarmento» in *Revista de Guimarães*, LXXIII, p. 196.

(3) No *Catálogo* do Dr. Santos Rocha referem-se, além dos vidros que estudamos neste artigo, os seguintes: 4453, 4455, 4457, 4462, 4469, 4567, 7538 e 7689.

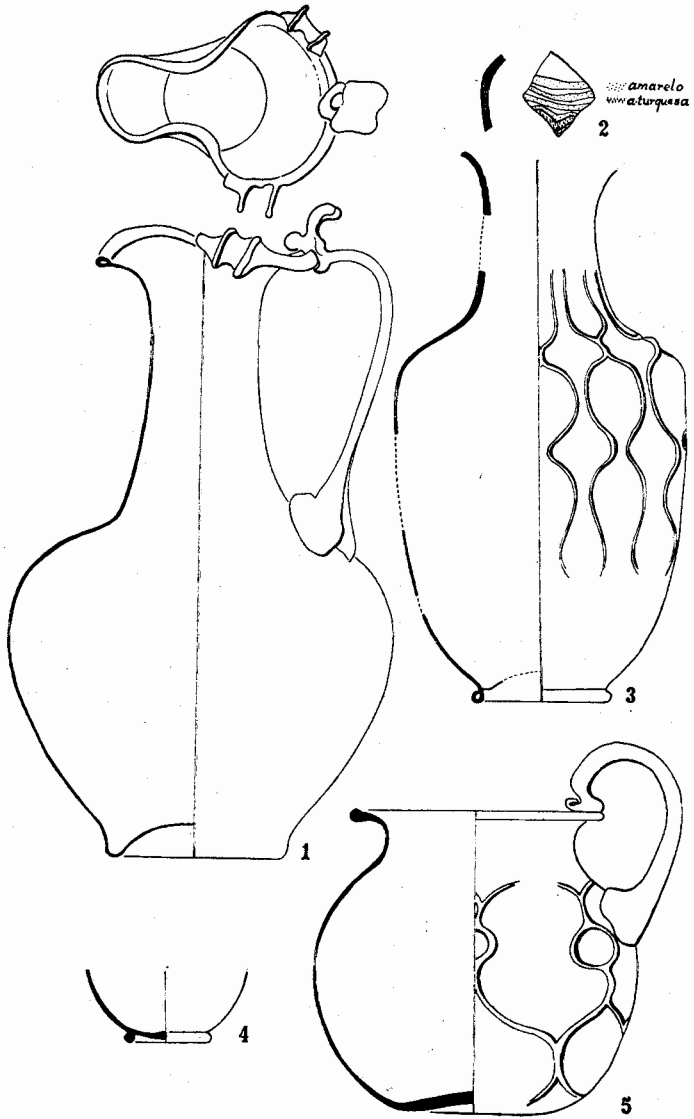
Sob os números 4455 e 4469 há, no Museu da Figueira da Foz, dois grupos de pequenos fragmentos; cada grupo compreende fragmentos correspondentes a vários vasos: esses fragmentos são sempre demasiadamente pequenos e em muitos casos deformados pelo fogo e não podem reconstituir-se e determinar-se os tipos a que pertencem. Faltam, portanto, os números 4453, 4457, 4462, 4567, 7538 e 7689. Dois destes números devem corresponder aos vidros 24 e 25 deste artigo, que não têm números de inventário; outro corresponderá ao número 26 pois, como se viu, a indicação que este vaso apresenta acha-se forçosamente trocada. No Museu há ainda, além daqueles dois grupos de fragmentos acima referidos, um terceiro, que compreende igualmente vários fragmentos cuja forma não pode determinar-se; é possível que três daqueles números que faltam correspondam a alguns destes fragmentos.

Est. I



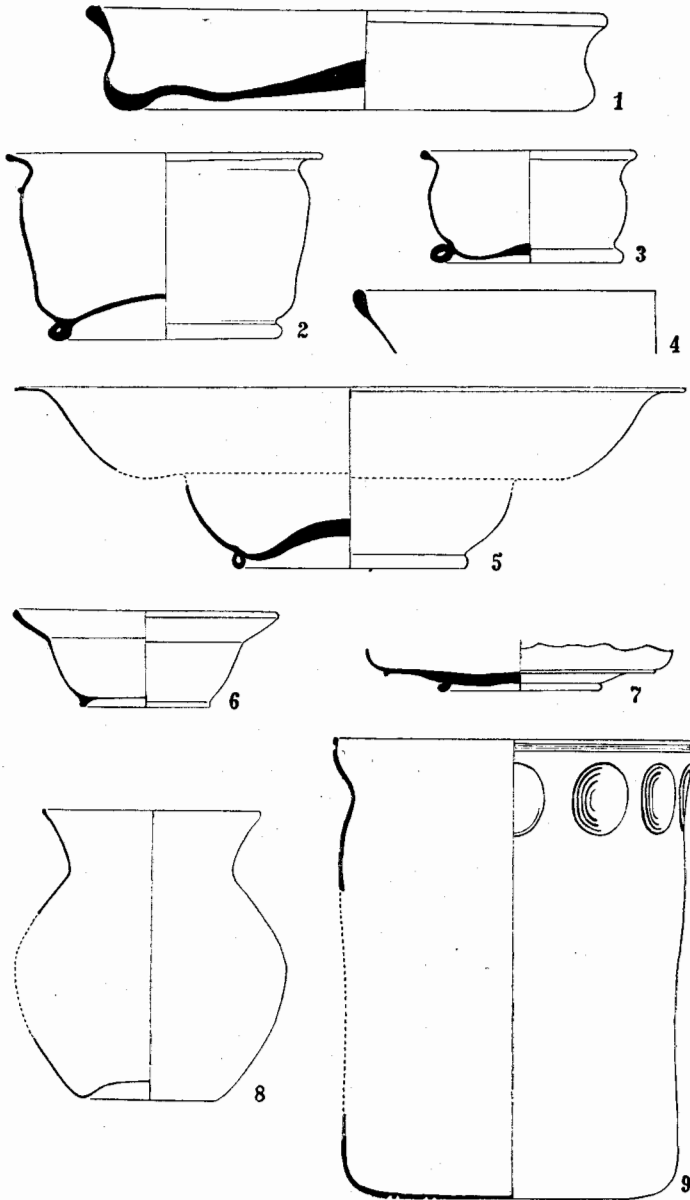
Escala: 1:2

Est. II

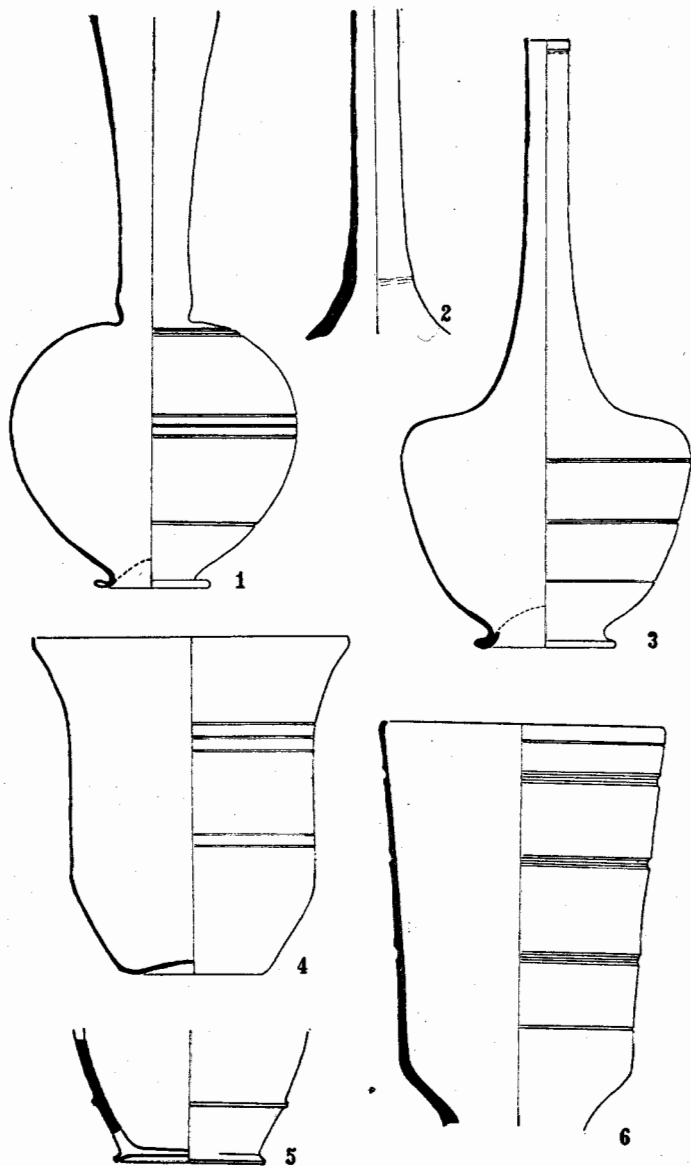


Escala: 1:2

Est. III



Est. IV



Escala: 1:2